



## REFLEXÕES SOBRE AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DA EXPERIMENTAÇÃO EM UMA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Rafael Schmatz Tolffo<sup>1</sup>

Luís Fernando Gastaldo<sup>2</sup>

O presente trabalho constitui-se de um relato da significação das concepções de experimentação, a partir das experiências vividas nas atividades de Ensino durante a formação docente de um acadêmico do Curso de Graduação em Física – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Cerro Largo, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBIDCiências/UFFS/CAPES). O uso da experimentação em sala de aula é de significativa importância para compreensão dos fenômenos de qualquer área das ciências. Este método de ensino com a utilização de atividade experimental auxilia na relação teoria-prática, onde o indivíduo pode assimilar os conceitos com situações reais, ou minimamente próximas ao real dependendo do objeto de aprendizagem. Vários autores (Maldaner, 2006; Gaspar, 2005; Zanon e Silva, 2000; Galiuzzi *et al.*, 2001) defendem a experimentação como ferramenta de reflexão, de busca pelo conhecimento. Pelo viés destes autores as atividades experimentais não podem ser tratadas como uma ferramenta de mão única, onde a prática comprova a teoria, ou vice-versa, mas sim como um instrumento de distintas possibilidades a fim de formar o sujeito crítico, capaz de gerir seu pensamento. Essa ideia infelizmente não é vivenciada pela maioria dos professores das escolas da rede básica de ensino, bem como deixa a desejar no ensino superior. Na condição de licenciando percebo na minha formação inicial diferentes concepções de experimentação atribuídas pelos professores formadores. Os professores cuja formação e área de atuação está mais voltada para a área de ensino, sustentam concepções de atividades experimentais fundamentadas pelas possibilidades investigativas e reflexivas na construção do saber, estabelecendo-se no que Zanon e Silva (2000) chamou de “inter-relações entre os saberes teóricos e práticos inerentes ao processo do conhecimento escolar”. Por outro lado os professores cuja formação e atuação está mais próxima da chamada “área dura”, ou seja, de ciências naturais básicas, tendem a expressar concepções de experimentação fundamentadas no seu caráter confirmacional (LABURÚ, 2011), utilizando-se do experimento como meio para confirmar a teoria e chegar ao conhecimento provado. Esta última concepção

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Graduação em Física – Licenciatura, Campus Cerro Largo, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - PIBIDCiências/CAPES/UFFS.  
rafatolffo@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Mestre em Ensino de Física do Curso de Graduação em Física – Licenciatura, UFFS  
Campus Cerro Largo. lfgastaldo@uffs.edu.br

parece encontrar pouca convergência com o chamado Físico-educador indicado como perfil do egresso (PPC do curso) e que deve dedicar-se predominantemente a processos envolvendo o ensino e a aprendizagem. Acredita-se que este fato está relacionado a própria formação inicial e saberes profissionais destes formadores. De certa forma este duplo, divergente e talvez inadequado entendimento sobre o caráter didático da atividade experimental tem provocado reflexões sobre a própria formação inicial. Desta forma estas reflexões e significações provocadas nestas atividades de ensino curriculares envolvendo atividades experimentais, fortalecem-me na posição de que a experimentação, tanto para acadêmicos quanto para alunos, deve ser uma estratégia de ensino que priorize a formação crítica e a visão do conhecimento de modo que deixe de ser desconexa e reprodutivista. A graduação constitui apenas o início da formação de um professor, mas é essencial que ela seja uma formação adequada para formar bons profissionais do ensino.

**Palavras-chave:** experimentação; ensino; licenciatura.